

Saco Azul Associação Cultural & Maus Hábitos – Espaço de Intervenção Cultural apresentam:

“RIVVA” a arrancar o programa Outros (novos) Portos na sala de exposições do icónico quarto andar da cidade



A curadoria é de **Pablo Berástegui Lozano** e conta com a participação da artista **Elisa Azevedo**, quem desenvolve o seu projeto em parceria com **Rivva** e a colaboração de **Mara Flora** e **Dianna Excel**

*Inauguração: 3 de fevereiro a partir das 18h
Djset com Dianna Excel, das 22h às 24h*

[Entrada Livre]

RIVVA é a proposta de curadoria feita por **Pablo Berástegui Lozano**, que traz consigo um rico background. Já esteve à frente do Festival Internacional de Fotografia e Artes Visuais PHotoESPAÑA, onde permaneceu entre os anos 2000 e 2007, foi um dos responsáveis pela consolidação do Matadero de Madrid, e atualmente vive na cidade do Porto onde criou o projeto artístico dedicado à fotografia **“Salut au Monde”**, que completa três anos em fevereiro.

Desafiado a criar uma curadoria para o projeto de exposições “Outros (novos) Portos”, Berástegui Lozano apresenta-nos um trabalho que nasce da partilha e da colaboração, e sobretudo, da alusão ao “tempo da alteridade”. Apostando em artistas jovens e proporcionando um espaço de (novas) reflexões acerca da inesgotável transformação dos organismos vivos, propõe uma mostra que perpassa por questões de género, de identidade e de temporalidade.

A protagonista, **Rivva**, capturada pelas lentes da artista **Elisa Azevedo**, num misto de intimidade e cumplicidade, é vista como co-autora desta experiência vivida entre ambas. A ação foca-se na representação de um tempo partilhado entre as duas amigas. E o curador

enfoca o olhar para esta transformação vivenciada pelo corpo da protagonista como uma metáfora das mudanças das próprias cidades, entendidas como organismos vivos, em constante mutação.

O curador remete ao texto do filósofo **Byung-Chul Han**, “A expulsão do distinto”, em que dedica um capítulo a destacar a importância do escutar. “Uma habilidade cada vez menos frequente, que rompe com o narcisismo que se tornou uma característica essencial de uma sociedade marcada pela hiperprodução e pelo recurso ao “eu gosto”. Ao que complementa, “Elisa Azevedo não parece ter problemas para ouvir ou prestar atenção no outro. Seu olhar é vagaroso, apesar de sua juventude. Ela não mostra necessidade de marcar seu território, ou de seu trabalho artístico, mas o abre para a amiga, libertando-a de sua alteridade, como diria Han. “A escuta tem uma dimensão política”, acrescenta o filósofo.

É de destacar que juntam-se ao projeto, **Dianna Excel** que se define como artista trans pop-apocalíptica, e que criará uma sonoplastia para a exposição, assim como na noite de abertura fará uma sessão de djset no salão nobre. E **Mara Flora**, que vem do Design de Moda e tem autoria sobre algumas das peças usadas pela Rivva e Elisa no desenvolvimento do seu projeto, e que na exposição lembram da importância da moda na construção das nossas identidades..

Depois de quase dois anos de pandemia, o projeto de exposições [“Outros \(novos\) Portos”](#) não só quer continuar, como quer sair mais vezes de portas. Entrelaçar conexões entre muitas cidades-culturas e os agentes destas malhas pulsantes. Ampliar o debate ético e estético nas artes. Fomentar a partilha e a colaboração do repertório de experiências entre esta rede e os seus públicos. Movimentar para transformar, constantemente, num gesto que se quer ininterrupto. Quer atravessar e ser atravessado por todas as cidades que de algum modo tocam esta programação: Porto, Madrid, São Paulo, Minas Gerais, Lisboa, Guimarães, Vila Real, entre outras. Movimentar para transformar, constantemente, num gesto que se quer ininterrupto

É de se destacar que passam por esta sala durante este ano as propostas curatoriais da dupla de artistas sediados em Lisboa, **Sara & André** que convidam a expor os artistas Ana Manso & João Marçal; à **Galeria Ocupa**, projeto experimental cujo dispositivo expositivo é um antigo talho, junta-se os artistas **Ángela Jiménez Durán & Marlon de Azambuja**, sediados em Madrid para criar uma proposta cruzada entre o espaço no Bonfim e a nossa sala no Maus; e por fim, **Marta Mestre**, atual diretora artística e curadora do **CIAJG**, recém chegada de sua experiência em terras brasileiras, aceitou o desafio de propor uma exposição que conecta as salas portuense e vimaranense.

[DOWNLOAD IMAGEM DIVULGAÇÃO](#)

SINOPSE & PROPOSTA CURATORIAL

Rivva é um trabalho colaborativo entre Elisa Azevedo e Rivva, com a participação da designer Mara Flora e da DJ e música Dianna Excel, que tem por foco a representação de um tempo partilhado entre as duas amigas. Na sua proposta abordam-se temas como o género, a identidade e a temporalidade, mas no âmbito do programa “Outros (novos) Portos Novos”, a transição que está a experienciar a protagonista das imagens, permite-nos olhar para esta transformação como uma metáfora das mudanças que as cidades, entendidas como organismos vivos, estão a experimentar.

O TEMPO DO OUTRO

1. Rivva surgiu do encontro entre duas amigas, a fotógrafa Elisa Azevedo e a própria Rivva, num período importante das suas vidas, que decidiram registar e partilhar. É o fim da juventude, dos anos de formação, uma nova etapa na qual alguns aspetos fundamentais da sua forma de estar no mundo serão consolidados. Ambas propõem um trabalho dialógico que lhes permite questionar um dos pressupostos mais frequentes do ato fotográfico, invertendo o papel da pessoa a ser fotografada - o objeto fotográfico tradicionalmente passivo - que se torna sujeito ativo, ou seja, coautor.

Esta troca tem lugar durante um período de dois anos, coincidindo com um processo de transformação pessoal carregado de poder, que abordam delicadamente, de uma forma quase esquemática, sem querer que o assunto capitalize toda a atenção das imagens resultantes. Assim, ambas constroem um universo subtil e íntimo, recriando situações que evocam mais do que dizem. Para tal, recolhem objetos que sugerem, que ajudam a recriar ambientes, geralmente monocromáticos, repletos de evocação e simbolismo. O objetivo não é contar uma história, mas sim partilhar um lugar a partir do qual nos possamos relacionar com o outro, neste caso, com a amiga ao seu lado.

2. No seu ensaio “A Expulsão do Outro”, o filósofo Byung-Chul Han dedica um capítulo do seu livro a destacar a importância do ato de ouvir. Uma capacidade cada vez mais rara, que irrompe com o narcisismo que se tornou uma característica essencial de uma sociedade marcada pela hiperprodução e pelo recurso ao “gostar”. “O ego não ouve”(1), como descobre o conhecido pensador sul-coreano.

Elisa Azevedo parece não ter dificuldade em ouvir ou prestar atenção ao *outro*. O seu olhar não é apressado, apesar da sua juventude. Não demonstra

necessidade de marcar o seu território, o da sua obra artística, mas abre-o à sua amiga, *libertando-a da sua alteridade*, como diria Han. "Ouvir tem uma dimensão política"(2), salienta o filósofo noutro ponto. E é face a esta possibilidade política, quando se trata de construir a nova *polis*, que este projeto revela um possível caminho a seguir, que está relacionado com o que o autor conclui em seguida: "sem ouvir, não há comunidade". Este poder de criar uma comunidade através do ato de ouvir é explorado na exposição aqui apresentada, na qual o diálogo é ampliado para incluir outras vozes, abrindo-se ao mesmo tempo a futuras ativações durante a exposição. Desta forma, o diálogo inicial é multiplicado e enriquecido pela participação de outras pessoas, na esperança de construir um espaço rico a partir do qual possamos dedicar a nossa atenção ao "tempo do outro".

Uma pequena comunidade de criadores que inclui na apresentação atual o trabalho da designer Dara Flora, cujas peças de vestuário foram escolhidas no processo fotográfico para realçar o corpo em mutação e que agora são exibidas juntamente com as fotografias em que são retratadas; e a sonoplastia de Dianna Excel, que, a partir de uma posição partilhada com a protagonista, recolhe sons e organiza-os, combina-os e sequencia-os para nos acompanhar nesta viagem.

3. Rivva é também, no âmbito de um programa dedicado ao desenvolvimento da ideia de *Outros Portos (Novos)*, uma *metáfora* que nos fala da *transição*. A metáfora como ferramenta cognitiva para pensar o abstrato. Transição, referindo-se às cidades e aos corpos que as habitam. Compreender a cidade como uma rede de transições é a chave para um crescente movimento comunitário que aspira a cidades mais habitáveis e menos poluentes, nas quais são experimentados novos modelos de governação. *Transition Network*, que é o nome original do movimento, tem uma divisão portuguesa desde 2013 e, tal como outros grupos e núcleos em todo o mundo, trabalha para criar "comunidades locais mais resilientes e com uma cultura humana saudável" (3).

Este interesse em explicar a cidade como um organismo vivo e mutável tem antecedentes que remontam à década de 1950, quando alguns pensadores da cidade, como o alemão Hans Bernhard Reichow, começaram a considerar a cidade como um organismo vivo a fim de estudar o seu funcionamento com base nas características da natureza dos organismos (4). A cidade como entidade homeostática, com capacidade de autorreparação e autorregulação até encontrar um equilíbrio dinâmico, influenciou outras abordagens que vão desde o Novo Urbanismo, defendido por Jane Jacobs, que defendia usos mistos e planeamento ascendente (bottom-up) ao movimento *Urbanismo Ciudadano*, característico de algumas das grandes cidades da América Latina. Ambas as visões colocam as pessoas no centro.

Assim, a exposição permite-nos interpretações que vão desde o individual ao coletivo e oferece-nos um espaço de encontro, para propor novas confluências que nos ajudam a aproximar-nos dos portos novos que já se encontram à vista.

- (1) Han, Biung-Chul. "La expulsión de lo distinto", Herder Editorial, S.L.; Barcelona 2017, p. 116
- (2) *Ibíd.* p. 120
- (3) Transição Portugal. Documento en línea, consultado en enero de 2022, <<https://www.transicaoportugal.net/sobre-nos/o-que-e-a-transicao/>>
- (4) Sohn, Elke. Organicist concepts of city landscape in German planning after the Second World War, Landscape Research, 2007.

Pablo Berástegui Lozano

BIOS

Artistas

Elisa Azevedo (n. 1996, Porto, Portugal), trabalha entre Porto e Lisboa.

Licenciada em Arte Multimédia, na vertente Fotografia, pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, frequentou a pós-graduação Discursos da Fotografia Contemporânea pela mesma instituição.

Expõe desde 2017, coletivamente e a solo, destacando-se *Body to Body*, no Arquivo Municipal Fotográfico de Lisboa (2017); *Flesh Flower*, no Museu das Artes de Sintra (2018), e *Rivva*, na Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira (2021).

O seu trabalho vive de uma abordagem sensível à realidade, sem uma vinculação imediata ao tempo, espaço ou sujeito que habita.

Diana Excel define-se como artista trans pop-apocalíptica, de 22 anos, está inserida na comunidade de música emergente de Lisboa. Explora o maximalismo, compressão e desconstrução musical como expressão do interior sentimental. É barulhenta, intensa e grave, ao mesmo tempo preserva uma delicadeza angelical.

Com bases no Deconstructed Club, Bass Music e Pop Alternativo, no seu álbum de estreia "XL" renasce como artista e como pessoa, assumindo publicamente a identidade de mulher trans. Com "XL Deluxe" atualiza-se, exprimindo mais força puxando-se mais a extremos musicais com base nas narrativas sonoras anteriores.

Mara Flora é natural de Lisboa onde se licenciou em Design de Moda pela Faculdade de Arquitectura de Lisboa. Depois de passar pelo atelier Alexandra Moura onde estagiou, decidiu focar-se nos seus próprios projectos.

Em março de 2018 inscreveu-se no concurso Bloom do Portugal Fashion, tendo sido uma das vencedoras. Em Outubro do mesmo ano estreou a marca epónima com

uma coleção apresentada na mesma plataforma. Desde então tem colaborado com diversos criativos e trabalhado como freelancer.

Riva Alves, nascida em 1996, veio para Lisboa aos 18 anos depois de crescer na Sertã.

Estudou História, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, tendo terminado aí a sua breve experiência em Humanidades para depois começar a trabalhar como programadora, posteriormente. Aproximou-se do mundo artístico durante 2019, sendo a sua experiência mais relevante o projecto colaborativo com Elisa Azevedo, intitulado Riva. Este trabalho foi exposto na Bienal de Vila Franca de Xira, em 2021.

Curador

Pablo Berástegui tem desenvolvido uma sólida carreira como produtor cultural em Espanha, principalmente em projetos de grande porte, como San Sebastián 2016 Capital Europeia da Cultura, da qual foi diretor, ou o Festival Internacional de Fotografia e Artes Visuais PHotoEspaña, onde trabalhou em sete edições (2000/2007), as quatro últimas também como diretor. Berástegui foi responsável pela consolidação do centro criação contemporânea Matadero Madrid e colaborou na redefinição e lançamento de outro grande projeto cultural da capital espanhola, o centro de cultura contemporânea Conde Duque. Atualmente, Pablo Berástegui reside entre Madrid e o Porto, onde dirige o projeto [Salut au monde!](#), um programa de exposições de fotografia contemporânea focado na alteridade.